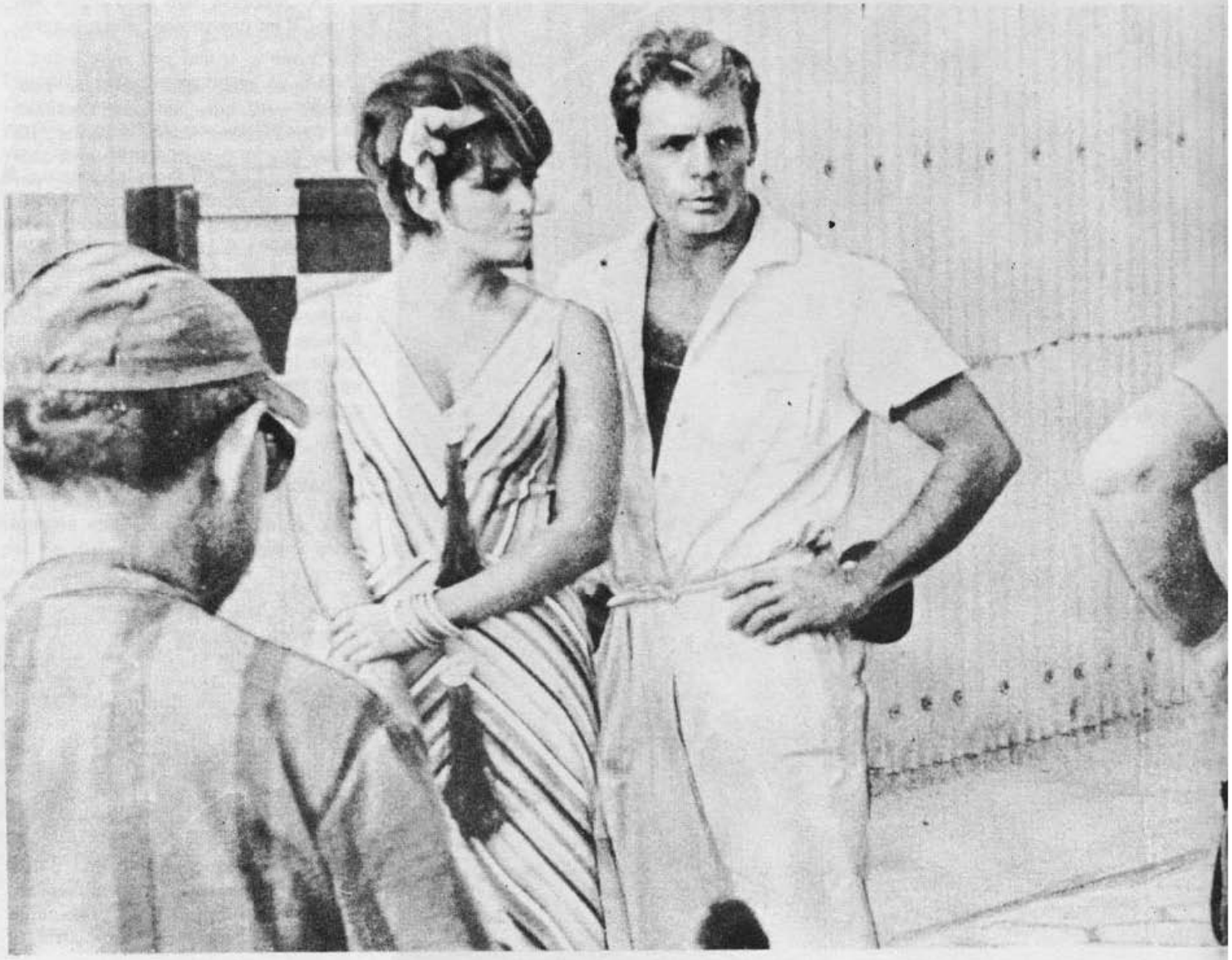
MILTON RODRIGUES
o ator no cinema



"A arte é uma procura constante. Dificilmente um ator pode estar satisfeito com o que já fêz; o melhor papel está sempre para vir" — declarou a FILME CULTURA o ator Milton Rodrigues, integrante do Júri Nacional de Cinema, intérprete de cinco filmes brasileiros e dois estrangeiros.

Depois de mais de dois anos de teatro, Milton Rodrigues experimentou o cinema, com um pequeno papel em *Morte em Três Tempos*, de Fernando Coni Campos. Em seguida, em *Na Mira do Assassino*, de Mario Latini, teve "participação especial" e apareceu como coadjuvante em *História de um Crápula*, de Jece Valadão. Alcançou o nível estelar ao ser escolhido, entre muitos candidatos, para atuar ao lado de Claudia Cardinale em *Uma Rosa para Todos*, de Franco Rossi. Foi o principal intérprete da comédia de Watson Macedo *Rio, Verão e Amor*, e atuou ao lado de Silvia Pinal em *Jôgo Perigoso*, de Luís Alcoriza. Veio, a seguir, o que considera seu melhor papel, o Pedro Boiadeiro de *Cangaceiros de Lampião*, dirigido por Carlos Coimbra.

Embora conhecendo as condições difíceis do trabalho de ator cinematográfico no Brasil — "falta de regulamentação da profissão, descontinuidade de trabalho, ausência de organização durante as filmagens" —, Milton Rodrigues prefere atuar no cinema, porque "a arte é para o povo" e o filme constitui "um instrumento de comunicação pràticamente ilimitado".

A criação interpretativa no cinema, segundo Milton Rodrigues, requer "um esfôrço mental terrível, mais cansativo que qualquer esfôrço físico", porque a concentração tem que ser completa e conseguida em poucos instantes — ao contrário do teatro, onde uma progressão dramática ajuda muito ao ator a integrar-se em seu personagem. Acha que o ator essencialmente teatral encontra dificuldade em adaptar-se ao cinema, devido às diferenças fundamentais entre os sistemas de trabalho.

"O ator tem uma parcela importante no processo criativo do cinema, embora a maior responsabilidade caiba ao diretor, de quem depende quase que totalmente o funcionamento ou não do conjunto-filme".

Milton Rodrigues explica que seu sistema pessoal de trabalho consiste em procurar conversar demoradamente com o diretor antes do início das filmagens, procurando conhecê-lo e compreender seus pontos de vista, para confiar nêle, e depois entregar-se às suas decisões, pois "só é possível entregar-se a quem se conhece e confia".

O ator entende também que o resultado da interpretação depende, em parte relevante, do trabalho do diretor de fotografia. "Uma expressão na tela depende muito dos efeitos de iluminação, por exemplo. A iluminação pode valorizar ou anular o trabalho do ator."

Chegar a ser um dia um bom ator — êste é o desejo que Milton Rodrigues, modestamente, alimenta para o futuro. Quer um papel que lhe dê a oportunidade de criar um personagem que represente um momento importante de comunicação. Considera que já acumulou experiência bastante para alcançar aquêle objetivo.

Milton Rodrigues discorda da teoria que vê no ator, especialmente o ator de cinema, um produto exclusivo da habilidade do diretor, "podendo ser criado na hora". Sem dúvida, "a experiência e o talento pessoal são requisitos importantes, essenciais, que somados ao tipo físico adequado fazem de um ator o intérprete indicado para determinados personagens". Ressalta que o bom ator é sobretudo aquêle que consegue se adaptar a tipos diversos, muitas vêzes opostos a si mesmo.

Entre os intérpretes de sua preferência no cinema internacional, destaca o japonês Toshiro Mifune, o americano Burt Lancaster e Anthony Quinn e o francês Alain Delon. No Brasil, Leonardo Villar. Na área dos diretores, cita Luchino Visconti, John Ford, Luís Buñuel, Elia Kazan e Akira Kurosawa.

O projeto mais ambicioso de Milton Rodrigues não tem, necessàriamente, relação com o "métier" de ator: êle pretende produzir e dirigir filmes.